

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--25 de Agosto-1927

**5 TOSTÕES**

**2.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**66**



sempre  
**five** semanário humorístico

Ença Ex. no Sr. Alvarenga e. in apel.

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

**INSTRUÇÃO MUSICAL**



Regulado pelas notas do *Vira do Porto*, o andamento da instrução passou de *lento* a *alegro, presto, Veloz*... Queirozo. Preferiamo-lo menos rapido e com mais harmonia.



# Os ditos da semana



Agora vem ali a Semana do Livro. O livro não se vende e é preciso auxiliá-lo, dar-lhe sabida. Ao contrario da carne que é cara e encontra sempre quem a compre, o livro fica nas estantes dos livreiros. Desigualdades que pouca gente compreende... Mas a carne é boa, saborosa, recomenda-se por si, por isso ainda não foi necessario inventar a Semana do *Roast-b et.*

Quando o livro tiver merecimentos que o recomendem não precisará de uma semana especial. Será o livro de todos os dias e de todas as horas e de todas as casas. Nunca houve a semana dos Luziadas e os Luziadas vivem ha seculos. Não houve a Semana do Eça de Queiroz e o Eça vive em todas as estantes ha dezenas de anos.

O livro em que o autor não soube pôr a virtude não a conseguirá á custa de uma semana de reclame, matraqueado nas colunas dos jornais.

Nunca se fez a Semana do *Sempre Fixe* e o *Sempre Fixe* vende-se como canela.

Ha ideias que nunca poderiam passar pela cabeça de Raul Brandão, Correia de Oliveira, Augusto Gil, Antero de Figueiredo, Jaime Cortezão e tantos outros



A galeria misteriosa do governo civil, não é mais misteriosa nem mais importante do que a passagem subterranea do Castelo de S. Jorge e tantos outros tuneis que ha por esse paiz fóra, uns já descobertos e outros ainda por descobrir. Póde-se quasi afirmar com absoluta segurança que, onde houver um convento, ha necessariamente uma galeria misteriosa.

Um convento de frades ligava sempre com um convento de freiras. Como a religião era a mesma, certas praticas faziam-se em comum, *ad majorem Dei gloriam...*

Em volta da misteriosa ga-

leria começaram fervendo os boatos. Houve quem visse ali a Cova da Onça e a Cova da Moura.

Aventou-se que o tunel fóra aberto por presos politicos no tempo da dezembrismo, ou pela propria policia do capitão Pimentel para se abastecer duma mercearia de S. Paulo, quando foi do cerco ao governo civil. E já se diz até que aquilo é obra do governo porque esta situação ha-de ter por força uma saída.

O que, porém, parece ter mais alguns visos de verdade, é a conclusão a que chegaram alguns sabios historiadores que lá foram também, como toda a gente, meter o nariz no cano. Aquilo é a Cava de Viriato... Lobo.



A comissão de marinha encarregada de estudar o projecto da ponte sobre o Tejo, já deu a sua opinião: Que não senhor, que não pode ser. Que se quiserem construir uma ponte sobre o Tejo, ha-de ser fora de portas. Não se querem mais tarecos cá dentro. Vão fazê-la lá para cima, de Xabregas para Mon-

tijo onde não sirva de nada. Uma ponte aqui no centro da cidade era um perigo muito grande. Começava toda a gente a passar-se para a outra banda e, dentro de pouco, Lisboa estaria deshabitada.

A comissão, que é composta de gente muito competente, levou tempo, mas viu e estudou as coisas bem. Não só se opõe a que se faça uma ponte de Santos para Almada, atravancando miseravelmente o rio, como indica já o sitio onde o sr. Afonso Peña pode pensar em construí-la — entre Xabregas e Montijo — mas torna tudo dependente de exame previo das estações tecnicas competentes. Quer dizer: a humanitaria comissão de marinha não quiz dar ao sr. Peña o desgosto todo duma vez. Por agora matou um projecto: depois matará o outro e talvez o não mate também todo de uma vez, porque a comissão de marinha diz como D. Sebastião:

— Morrer, mas de vagar. E é Peña...



Chang-Kai-Shek, administrador dos serviços auxilia-

## TOUROS PARA A IGREJA

Aqueia pastoral do Patriarca, segundo eu li em varios dos jornais, diz que na arena, aos pobres animais um 'Spada nunca deve entrar co'a parca.

Eu acho tudo bem. O que não marca é que os fieis p'ra terem cabedais, para uma igreja perto de Cascais, queiram, co'os touros, rechear a arca.

O que dirão agora esses judeus que sacrificam lentamente as rezes com a matança p'ra fazer piteus?

Dirão que aqueles tipos são ateus que, a fingir, se benzem muitas vezes e matam touros pelo amor de Deus!!!

**José Barbosa.**



**!! Não queira ficar assim !!**

**USE A VITELINA-VITERI**

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

**FRASCO 8000**

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84. 1.º D.-Lisboa

res dos exercitos sudistas, amealhou meio milhão de libras esterlinas, e agora que caiu o governo de Nankin, meleu as libras na malinha da cara metade e mandou-a para a America. Ele irá com alguns amigos fixar residencia na Alemanha, apesar de trinta generais lhe terem oferecido o comando supremo dos exercitos do sul. Ao sr. Filomeno da Camara nunca aconteceu uma coisa assim. Tamanha fortuna faz crescer agua na boca ao nosso caudilho, empreiteiro de golpes seja contra o que fór, com tanto que os seus resultados sejam a seu favor. Talvez a China lhe fosse terreno propicio.

Já as chancelarias trabalharam nesse sentido, mas apesar de haver muitos milhares de pessoas interessados em coloca-lo no lugar de Chang-Kai-Shek, o sr. Filomeno da Camara não sairá de São Tomé. E' uma coisa dos diabos! Mas porquê? Porque neste mundo anda tudo ás avessas. Porque os chinezes querem que ele seja ditador em Portugal e os portugueses teimam em que ele seja generalissimo na China.

E' o que se chama ser victima dos merecimentos propios.



De politica não ha nada de novo. Fala-se em crise e em recomposição ministerial, mas são tudo calunias. O que está está e o governo não pode consentir que andem para ali os boateiros a fazer e a desfazer ministerios. A Republica não tem nada a recear, porque até os seus proprios inimigos estão de acordo em que ela se deve manter. E' uma felicidade nunca vista. E', finalmente, a união da familia portugueza! E' o que se chama uma coisa linda! Reciprocamente, os republicanos vão constituir uma grande comissão encarregada da restauração da monarchia e instituirão a semana da confraternisação nacional.

**HUMORISMO NO ESTRANGEIRO**



—Minha mulher passa os dias tiritando. Vocês julgam que será coisa grave?  
—Não. É uma questão de um casaco de peles.



—Dá-me licença que tome um banho a ver se seja na cozinha?  
—Porque não vai ao rio?  
—Não trago fato de banho e além disso recomendarão que evitasse o rio.



—Toma cuidado, menino, não vás tu matar alguém que esteja lá em baixo...



O ladrão:—Maldita sorte! Já cá andaram outros. Ladrões sem vergonha!



—Sabes, há dois dias depois, parti uma perna.  
—Ah! eu sempre tenho dito que as desgraças nunca veem só.

**MORIGERANDO...**

**O corpo**

da Policia de Segurança

e a repressão das bebedeiras

Lisboa está aborrecida; está cheia de calor; está insuportável de «rame» e de chatês. A tal ponto, que o pobre grilheta dos jornais não tem remédio, para iludir o aborrecimento do noticiário, senão ir à cata de assuntos capazes de dar ao leitor, com verdade, seu quê de frescura que o alente.

Uff! Não ha golo que resista a esta fogueira canicular em que todas as energias se derretem!

O sr. Ferreira do Amaral, pessoa cuja gravidade de criterio se afirma dia a dia em realizações grandes de originalidade e de audacia, é, talvez sem dar por isso, um amigo velho dos jornalistas.

Honha lhe seja; que só por mesquinha pequenez d'alma poderá ter-se em conta de somenos a sua porfia correctiva dos costumes. Se a primeira cidade do país estava á beira de transformar-se num indecoroso fóco de devassidão; se a licença ia transformando em orgia a liberdade dos cidadãos neste jardim á beira-mar plantado, cujas sombras se vão tornando em valhacoito de malandrins, os gestos publicos do illustre comandante da Policia tem de ser acolhidos com o respeito que se deve ás intenções boas de quem manda.

Começando, logica e dignamente, pela propria corporação a cujos destinos preside, o sr. Ferreira do Amaral iniciou a sua campanha moralizadora por estabelecer aos civicos mais atreitos á «gota de Baccho» as varias metamorfoses por que passa um bebedor quando se deixa prender nas tentações do alcool.

Os guardas sob as suas ordens, vendem-se reduzidos á triplíce condição de macacos, leões ou porcos, conforme a gradação do vinho e conforme a medida dos copos, desistiram de se embriagar em voz alta, publicamente; e, recolhendo a seus lares, decidiram, como lhes cumpria, passar por quantas escalas zoológicas lhes desse na gana, mas de maneira que da sua macaquez, da sua braveza ou da sua porcaria, não resultasse dano para a morigeração colectiva.

Ora, o calor apertou. Entrou em vigor a lei séca, aos domingos; e, como quere que se notasse que, quanto mais se veda o vinho, mais frescos se mostram os homens e mais bebidas se consomem na perdição das tascas, lembrou-se ha dias o sr. Ferreira do Amaral de salvar a situação e de acudir á carência de assunto dos jornalistas, determinando o seguinte na ordem do corpo de que ele é alma e nervo e tudo quanto de valorizador apeteça citar nas crónicas:

«Todos os individuos em declarado estado de embriaguês serão entregues á Policia de Investigaçáo, devendo, aos que derem indícios, applicar-se as seguintes penas: se forem estudantes, será prevenido o professor mais severo da falta de compositura do aluno; se forem empregados no commercio, terá conhecimento do facto o respectivo patrão, e se adregar de serem casados, será a mulher avisada das proezas do marido.»

Nada mais rigoroso na logica; nada mais provativo da intenção alviantada que tal medida determinou. Apenas...

\*\*\*

Ontem começou a Policia a pôr em execução a ordem do seu corpo. E vai dahi,—falta de pratica, já se vê,—deram-se por esse motivo equívocos levados da broca.

Um estudante foi preso na Praça da Alegria por dar, na opinião do civico que o deteve, indícios de embriaguês provadao. Afinal, não se

aprovou o indício. Levado o rapaz á presença do professor mais severo da sua escola, averiguou-se que nem para macaco o pobre tinha categoria. Estava embriagado... mas era por amor de uma poquena cujo nome constituia segredo de Estado para a sua consciencia do pessoa que tem o juizo equilibrado. O civico, tendo desconfiado do «indício», armou um «leão» para o obrigar á confissão; e, como o interrogatorio não desse resultado, acabou por fingir de «porco» para amedrontar a vitima, acabando, assim, a scena por se sujarem até mais não todos os figurantes desta peça.

—O senhor está macaco!  
—Não estou; ainda não bebi nada.  
—Então, está leão!  
—Tambem não. Já lá vai o vinho do tostão.

—E' porco, por consequencia...  
—Porco será ele!  
E pegaram-se de razões; e onsaíram um golpe de Estado em ponto pequeno; e desantou tudo, após umas horas de calabouço, num equívoco como outro qualquer.

Tambem foi preso por engano um empregado no commercio que andava a vender pastilhas de fazer a vida cara, sem que a detenção tivesse consequencias graves, como a anterior.

Mas o «leão» da repressão deu-se com um individuo cujo nome não vem ao caso e que adregou de aliar á sua situação de bebedo a situação, mais desgraçada ainda, de casado.

O civico prendeu-o por ter reparado que o homem não andava direito.

—Você leva indícios...  
—Levo mas é uma bebedeira de truz.

—Ai leva?! Ora ainda bem! Considere-se capturado!

—Oh, filho... Captura-me, mas não me peças dinheiro emprestado, que já o gastei todo...

—Você está bebado, ou não está?  
—Então não se vê mesmo que estou?!

—Em que se ocupa?  
—Agora ando na «ramboia».  
—E nas horas vagas?  
—Nas horas vagas não faço nada.  
—Tem mulher?  
—Assim, assim...  
—Onde é que ela mora?

O proso, que estava provavelmente embriagado e tinha vindo de um apicnieo com uma paixão assolapada, disse um nome e lembrou uma morada á perspicacia do civico.

—Pois, vou lá levá-lo...  
—Se você quizesse fazer esse favorzinho...

—Não é favor; é castigo.  
—Então castigue-me! Castigue-me sem dó nem piedade, sr. guarda. O pior é se ela não me recebe...  
—Se não receber, vai presa tambem.

Alugou-se um taxi; o taxi percorreu uns quilometros a fazer curvas na cidade; e, minutos após, fazia-se um casamento á pressa e á força no terceiro andar da rua de tal, numero tantos, dispensando-se os banhos em nome da moral publica.

—Como tiveste coragem de vir, meu amor...

—Não vês que estou bebado?... Estou preso por ti. A tua casa é o calabouço do meu detino.

—E... se vom o Ernesto?  
—Se vom o Ernesto, diz-so-lhe que, acima de tudo, está a moral publica e que foi a policia que se enganou no numero da porta.

Em resumo: trocaram-se os maridos e as mulheres; mas, como estavam todos provavelmente bebados, a Investigaçáo Criminal no teve motivos para proceder.

Já ha varias bebedeiras combinadas para o proximo domingo, sendo do prevêr que a Policia se veja em sérios apuros para levar os casados todos ao castigo.

**HUMORISMO NO ESTRANGEIRO**



Um guarda ao colega:—Vê lá tu se percebes quais são as mulheres.



Moderna invenção do piano para familias numerosas.



—Que sabe a menina fazer?  
—Um pouco de dactilografia, um pouco de taquigrafia e, quanto a danças, quantas as que o senhor quiser.



O cliente:—Se tivesse um filho tão idiota como o senhor, fazia-o estenqueiro.

O estenqueiro:—Pois, segundo vejo, seu pai não pensava da mesma fórma.



—Provino-a de que não me deixe enganar. Eu sei muito bem o que fazem as cosinheiras porque eu tambem já o fui.

## CANÇÃO NACIONAL

**FADO DA AJUDA****Mote**

Em Lisboa, com 'splendor,  
um novo bairro apar'ceu.  
—E' o d'Ajuda, p'lo valôr  
que o «Electricos» lhe deu.

**Glosas**

Imponente de grandeza,  
surge um palacio num monte,  
a olhar o horisonte,  
cheio de fé e firmeza.  
Eco duma realcaza  
que, sob o céu, junto á côr  
d'Ajuda, no seu alvôr,  
adivinhou o que supõe  
o Palacio que se impõe  
em Lisboa com 'splendor...

Passa a brisa perfumada  
por sobre as brancas casinhas,  
espargindo das florinhas  
os aromas da Tapada.  
E, como fôsse uma fada,  
que com a vara me deu,  
o que mais me surpreendeu,  
p'los olhos cheios d'espanto,  
foi que por magico encanto  
um novo bairro apar'ceu.

D'ahi com talento raro,  
numa occasião feliz,  
no escritorio da Carris,  
diz consigo Santo Amaro:  
«—Já que eu tenho tão bom fardo,  
com manha tudo isto é meu!»  
E, co'a rôde que teceu,  
ao Frontão disse:—«Caluda!...»  
... E Lisboa teve outra Ajuda  
que o «Electricos» lhe deu...

Quem quizer verancar  
sem que a bolsa se retraia,  
tem o campo e ar de praia  
e uma encosta com bom ar.  
Trata pois de te mudar  
nesta quadra de calor,  
pois não ha bairro melhor  
p'r'ó alfacinha viver.  
Caro leitor: podes crêr  
—E' o d'Ajuda p'lo valôr.

**Reporter B.**

**Sortes grandes?**  
só o **PINA** as vende  
**75 — Rua de S. Paulo — 77**

## A NOVELA DO "FIXE"

**A nomeação**

Um velho amigo meu andava radiante porque tinha que ir agradecer ao ministro a sua nomeação.

Sim, porque nesta quadra de incompetentes e de desempregados, ele, que tinha milhares de virtudes e aptidões, sentia a justiça que lhe iam fazer, collocando-o ao serviço da Patria.

De ponto em branco, foi agradecer ao ministro das Colonias que, no trajecto da sala até á porta do gabinete, entabou com ele o seguinte dialogo:

—Pode ir descansado, meu caro amigo, amanhã sairá no *Diario do Governo* a sua nomeação.

—O' senhor ministro, muito obrigado a vossa excellencia... muito obrigado...

Nesta altura, o ministro purou de uma cigarreira e ofereceu-lhe um cigarro.

—Muito obrigado a vossa excellencia, mas não...

—Então, um charuto.

—Tambem não, muito obrigado a vossa excellencia.

—Já sei, o senhor fuma cachimbo?

—Tambem não fumo cachimbo...

—Então o que é que o senhor fuma?

—Não fumo nada, nem nunca fumei na minha vida.

—Oh diabo! Isso é muito perigoso!

—Eu bem sei que o tabaco é perigoso...

—Não, não se trata do tabaco.

—Então de que se trata?

—E' que, ás vezes, não fumar, em determinadas colonias, é perigoso.

—Ora essa, sr. ministro!

—Não fumar, chega a ser mortal! Foi por não fumar que morreu o ultimo administrador da circunscrição que occupava o lugar que eu agora queria dar ao meu amigo.

—Não compreendo.

—Eu lhe explico: o seu antecessor tinha horror ao tabaco. E o odio que ele tinha ao tabaco custou-lhe a vida e a Portugal uma dezona de quilometros quadrados de terreno.

—Sério?!

—Imagine que, quando ele chegou a Bangigabé, foi visitar o soba que se tinha submetido. Como de costume, o soba e os seus dignatarios ofereceram-lhe um jantar. Depois da sobremesa, acenderam o *Cachimbo da paz!*

«Quando destes casos, o *cachimbo da paz* é um cachimbo feito de uma raiz especial, ligada a um tubo. Por aquelle tubo, conforme é da convenção, todos os presentes tem que dar uma fumaça. Quando chegou a vez ao seu defunto successor, este recusou.

«Os pretos empalideceram e olharam uns para os outros. O novo delegado do Governo tinha feito a recusa mais insultuosa até á data conhecida entre a *tribu!*

«Não fumar pelo *cachimbo da paz* era como que uma ameaça do recomeço das hostilidades!

«O *cachimbo* deu uma segunda volta e, pela segunda vez, ele recusou a honra da mais pequena fumaça! Era demais!

«Um dos chefes levantou-se e, depois de lançar o grito de guerra, agarrou no *cachimbo da paz* e—pás!—rachou com ele a careca do nosso delegado do Governo. Esvaindo-se em miolos, abandonaram-no e, numa garrhada infernal, fugiram soltando gritos de guerra!

«Ora já vê que, não fumar, não é só um caso perigoso, mas ás vezes mortal para um funcionario colonial, isto sem falar no prejuizo que, pelo horror a tabaco, o nosso funcionario causou ao país.

—Já percebi, sr. ministro.

—Portanto, eu só o nomearei quando tiver a corteza absoluta de que fuma. Em poucas palavras—quando puder levar na sua bagagem alguns quilos de tabaco da Companhia velha e outros tantos da nova do sr. Alfredo da Silva.

Depois de uma vénia, o pretendente saiu e chegou a casa a pensar no motivo que levou o Creador a não dar dentes ás galinhas...

Adaptação de

**Fixe Junior.**

**O pato e o grilo**

(Fábula)

Um dia Mestre Pato estava muito risonho á beira de um riacho, molhando o bico, quando viu surgir, de entre a relva, um grilo.

Mestre Pato olhou com desprezo para o simpatico insecto e d'sse-lhe:

—Que fazes por aqui, amigo Grilo?

—Ando a tomar um pouco de ar, meu velho. Não calculas como é abafada a minha casa!

—Porque não fazes das tuas asas ventoinha? Assim, remediarias tudo...

—As minhas asas não nasceram para isso. Não são como as tuas...

—Que tens a dizer das minhas asas?

—Muito... Pelo menos, as que Deus me deu não criam piolhos!

—Estás hoje muito atrevido. Toma tento! Olha que eu sou muito capaz de te comer... Demais, por muito que digas das tuas asas, não consegués depreciar as minhas. Olha para elas!... Vê como são lindas nas suas variegadas côres!... Ao passo que essas...

E terminou com uma rouquenha gargalhada. O pobre Grilo, sentindo-se empalidecer, retorquiu:

—Cala-te ahí, velho Pato. Se as minhas asas não são negras como a fome, em compensação cantam!

Dizendo isto, lançou aos quatro ventos uma linda canção da autoria de Alves Coelho.

Mestre Pato, despeitado, quiz imitar o minuscuro bicharoco, mas tanto bateu as asas que acabou por cair sem penas e completamente exausto.

E aqui tem Vocellencia como um simples grilo conseguiu o que certas mulheres fazem: — *depenar um pato com cantigas!*



—O que hei-de eu fazer agora com a maquina toda escangalhada?

—Não te aflijas, meu filho; porque eu vou mandar chamar o Herbert Dias, do «Modern Office», que a arranja com a maxima rapidez e competencia.



—Ha quanto tempo te não vejo!  
Como tens passado?!

—Optimo! Sou felleissimo, casei ha poucos dias.

—Pois tambem eu sou felleissimo.  
Ha oito dias que me divorcei!



### Escrever a Deus

Um soldado de certo regimento, muito pobre e muito crente em Deus, vendo-se numa situação desesperada por falta de recursos com que sustentar a família, lembrou-se de escrever uma carta ao Padre Eterno pedindo cem escudos. Talvez assim resolvesse a sua vida, visto que, sendo Deus tão bom pai, não havia, por certo, de deixá-lo ao desamparo.

Escrita a carta, viu-se o homem em serios embaraços para fazer o sobrescrito, porque não sabia a direcção que havia de pôr. Como bom soldado que era, respeitador das leis militares, entendeu que a melhor forma de remover a dificuldade era fazê-la seguir pelas vias legais e remeteu-a para o Quartel General.

Quando a carta chegou ao Quartel General, os officiaes receberam-na com grandes risotas e, por acharem muito estranha uma missiva daquela natureza, resolveram abri-la, para mais uma vez se rirem á custa do pobre palerma que a tinha escrito. Verificando que não se tratava de uma brincadeira e que, antes pelo contrario, a carta fora escrita com a maior fé e sinceridade, condoeram-se do homem e abriram entre si uma subscrição que rendeu cincoenta escudos, os quais foram immediatamente remetidos ao soldado pelas mesmas vias.

Passados alguns dias, nova carta appareceu no Quartel General. Era o agradecimento comovido do pobre soldado e outro pedido de mais cem escudos. A carta dizia assim:

«Ilustrissimo sr. Deus:

Tem esta por fim agradecer a Vossa Senhoria o dinheiro que teve a bondade de me enviar e novamente implorar a esmola de mais cem escudos, que me são absolutamente precisos, mas peço a Vossa Senhoria que m'os não torne a mandar por intermedio do Quartel General, porque da outra vez ficaram-me lá com cincoenta dos com que Vossa Senhoria com certeza mandou.

Seu am.º e criado muito agradecido,

Manoel Augusto.

Soldado n.º 1308 da 4.ª da 1.ª de caçadores 5.»



—Aqui tenho a ultima edição de Shakespeare...  
—O quê? Esse homem ainda escreve?...

### GRANDE GARAGE UNIAO, L. da

A unica que possui melhores accões e preços reduzidos  
Venda de oleos, gazolina e accessorios  
Officinas para todas as reparações  
Rua Visconde de Santarem, G. E. U.  
(ao Anco do Cego) Tel. 994 N.

# Fitas faladas

—Agarra! Agarra!... Beul Beul... Toma! Bebel... Aol Aol... Peul Beul... Pól Pól Pól...

Os meus amigos sabem o que isto é? Pois, embora pareça impossivel, é uma fita que o Tivoli teve a macaca de correr, macaca que, por sinal, é um cão. Peter, um Bom Policia, não passa de um bom policia porque é um mau filme e o ladrante protagonista nem ao menos tem aquelas olheiras profundas do Rin-Tin-Tin, que até ensinam a gente a representar. E o pior é que todos os outros actores são da mesma raça... canina. Edward Hearn, o galã, é um canastrão... de guarda, porque é policia, e de ultima fila, porque é uma desgraça.

Lee Shamway, o chefe da quadrilha ou, melhor, da matilha, é um cavalheiro com cara de bull-dog dos que não ladram mas mordem. Joe Benett, a quem na fita chamam Carlitos, que é cor-o quem diz Canitos, não ladra mas é ladrão, o que vem a dar na mesma, e está a pedir um boz... terrier pelas narinas. Como não é decente chamar nomes canoides ás senhoras, li-tar-no-hemos a fazer a Matikle Brisson uma ingenua pergunta:—Então essa Ethel Shannon? Qu'ê dela?...

Inumeros cinéfilos me teem preguntado porque razão o Tivoli, que tem responsabilidades tradicionais a manter, mostra um certo fraco por cães, macacos, cavalos, automoveis, comboios e outros quadrupedes racionais e irracionais. E' uma pergunta a que é difficil responder. Ainda lá a cançãoda compreendo eu, pois já dizia o Poeta:

O cão, que faz chi-chi,  
É bom amigo do Tivoli...

Mas como a Metro-Goldwin e a Paramount ameaçam abrir o Odéon em 1 de Setembro, basta dizer como dizia o outro:—Deixá-los ladrá-los, que elle's calardo-se-hão-se!...

\* \* \*

Quando o Abade Prévost escreveu Manon Lescaut, a historia daquela celebre Manon que lascou as finanças do pobre Des Grieux, inventor do queijo Gruyère, nunca lhe passou pela fecundissima cachimonia que um dos seus sobrios romances inspiraria á humanidade maior numero de paginas do que as que teem os 170 volumes das suas obras completas. Depois das adaptações musicais de Auber, Halévy, Balfe, Massenet e Puccini, coube a vez á UFA de adaptar ao cinema a bi-secular novela. Mas Deutschland über alles, e a Aliança Cinematografica Europeia—bizarra tradução de Universum Film Aktiengesellschaft—aproveitou a ausencia do Nicolino para encravar o Leitão, en-

sarilhando de tal forma o recorte que, quando a orquestra ainda vai, pacatamente, no Dispar, vision, já o Vladimir Des Grieux e a Manon de Putty desapareceram pelo écran fóra. E não se limitaram os realizadores a dar a sua facadinha no argumento do aventureiro aumônier do Principe de Conti, já avariado nos libretos de Scribe e Meilhac & Gille, atontante germanicamente contra a moral e os bons costumes latinos. Recrutaram a Lya de Putty, especialista em poucas-vergonhas ao natural e com molho branco, e um russo com cara de sono de pau, chamado Vladimir Gaidarow, ensinando-lhes a pontuarem cada scena com cronometricos e autenticos küsse, variando entre 10 e 120 segundos. O resultado, só visto:

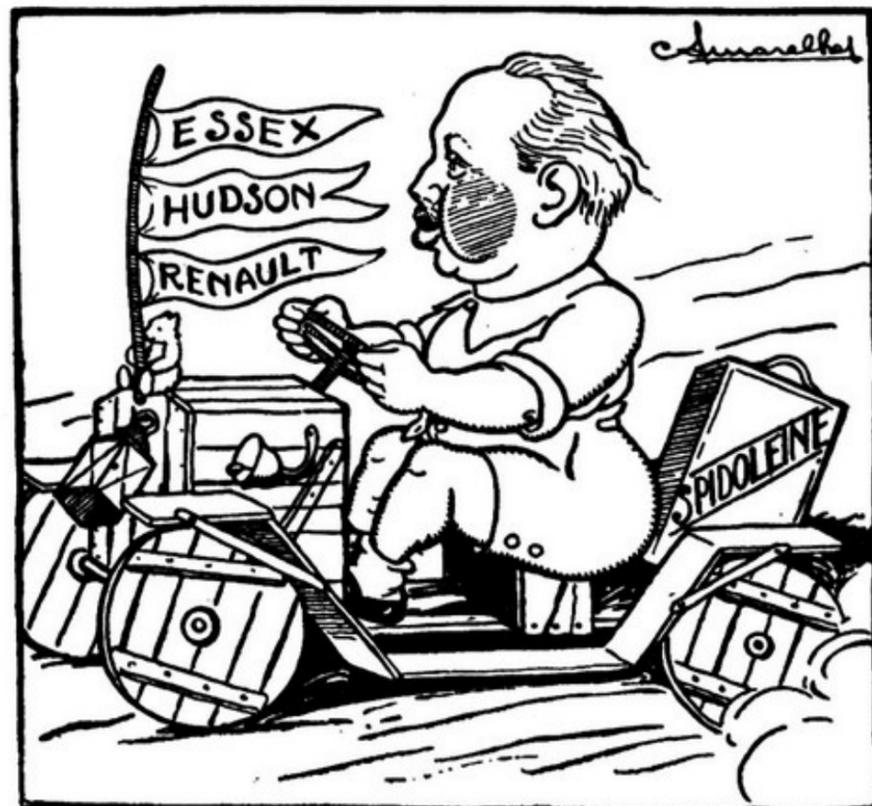
Vai a Manon para o convento, do cambulhada com as tias, mas como a madre-abadesa não devia usar espad'm nem talon-rouge, resolve dar uma lição de cosinha ao Des Grieux, chaperonné pelo Marquez de Bli:—Fritz Groiner a servir de pau de cabeleira... postiga. 1.º, 2.º, 3.º e 4.º chôchos. Manon vai-se despir só para fazer concorrência ao réclamo da Casa das Meias, pois veste-se logo a seguir, fugindo com Vladimir, que está Gaidarow...side. 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, etc., chôchos e uma das melhores scenas do filme: o lenço que se agita a dizer adeus ao Marquez e á virtude. A orquestra rompe: A Parigi! Trai lai lai lai... Tchimi! Pum! 20.º chôcho.

Estamos em Paris, entre o beijo n.º 68 e o n.º 70. Lydia Potetchina, embora não tenha voz, é o contralto Susana. Aparece Lescaut, Siegfried Arno, que talvez não tenha voz de baritone mas que tem uma penca de soprano lirico. Seguem-se as scenas que já estamos fartos de ver em S. Carlos e no Coliseu, intervaladas por beijos-récords, de que se perde a conta, e de inovações curiosas. Por exemplo: a certa altura, o Vladimir apanha uma camoeira de tal ordem que cai como um ministro, e vai comprar... uma coroa de flores de laranjeira para a Lya!

Ou os homens estavam a chuchar comosco ou as flores de laranjeira eram para ele. E dahi, talvez fossem para fazer agua calmante.

E como uma viagem á Guyana custa um dinheirão, a Manon da UFA decide-se a morrer pelas Europas, á sombra do paternal perdão do Marechal Eduard Rothauser. Morre na graça de Deus, abençoada pelo Theodor Loos, mas com a boca á banda e a cara roidinha dum lado, devido á ternura do Vladimir.

Retardador.



Sebastião Teles - Agular um magnifico automovel

# UMA REVISTA PORTUGUEZA

## «á la minute»

O primeiro quadro representa um parque de lenda em perspectiva, uma verdura muito amarela, um parque que pode muito bem ser o Parque Eduardo VII. Vê-se um lago com cisnes e um repuxo com agua da Companhia, muito bem imitada porque não parece agua, e á esquerda um banco de pedra que tanto pode aparentar o Banco Lisboa & Açores, como um banco da Avenida da... Liberdade de se lhe chamar uma mesa. Nos rompimentos grinaldas de rosas-chá cor de vinho palhete e festões de ouro americano, a fingir que tudo aquilo é rico...

Sobe o pano. Um grupo de coristas muito bem vestidas, de meias, com uma rosa á cabeça; trazem os soios á barriga e as pernas, que o costumier vestiu de verde para nos dar a impressão de caules, vergavam em arco com o vento que lhe deu.

E as coristas, com voz de quem não recebeu a quinzena, uma voz muito por baixo, cantam as rosas—em andamento de tango, enquanto a orquestra, indifferente, continua em passo de marcha...

Nesta altura, entra uma senhora com muitas plumas de papel, mascarada de Mistinguette quando vai para a cama e manda as rosas para o canteiro. E, murchas e amarelas, as rosas passam a marcar passo e saem aos saltinhos.

Investe agora da esquerda o jasmim, vestido de ovo estrelado e, como lhe deram corda lá dentro e porque se apanha cá fóra, a corda desanda e o jasmim despêja:—«Está lá fóra um estrangeiro que lhe deseja falar!»

A senhora das plumas toma uma atitude soberana e, agitando uma varinha enfeitada a fita do nastro, manda entrar o estrangeiro, que é o compadre, e o compadre, que é um tipo de chapeu de chuva do tempo do diluvio, com um fraque que pertenceu ao v'savó e com uma bagagem de canhões de familia, diz:

—Ora eu vinha cá á procura da Rosa... e pode ser que entre as Rosas do seu reino...

—Mas que Rosa procuras tu?

—A Rosa que eu procura é a minha mulher...

—Fugiu-te?

—Com um policia!

Aqui começam a entrar as Rosas tiranas, as Rosas de tocar, as Rosas da Alexandria, as Borboletas, as Abelhas, os apitos e os assobios e as Rosas de todo o ano...

Acaba o quadro e entram as girls. As girls são uma especie de coristas que dão dois saltos a mais do que as outras, que dão só um. Seis no todo. Três das seis são altas, duas das altas são magras, uma das baixas é gorda, uma das altas é velha e duas das baixas são feias. Pularam e saíram.

Passa-se á comedia. Outra Rosa que engana o marido, mas aqui o caso é mais sério. Mete policia e mutações e o publico ri no escuro, com vergonha de o fazer ás claras...

Quadro de rua. Volta o compadre. Passam as meninas da Baixa e os policias sinaleiros, e ele á procura da Rosa; passa a mulher perdida a fumar um cigarro e a dizer que é muito desgraçada, e ele á procura da Rosa, e, quando o publico julga que a Rosa vai apparecer, entra um tipo respeitavel, de barbas brancas, a dizer que Portugal é uma terra de heroes. São o fan-tan e apoteose...

No cartaz: «Grande successo da revista no genero parisiense»...

Vasco de Matos Sequeira.

Querem lunchar bem e ceiar melhor?

Vão á ARGENTINA

Rua 1.º de Dezembro, 75

# O relógio

Ha três meses, Serapião comprou numa relojoaria da rua da Palma um cronometro marca Zenith.

Passaram-se oito dias e Serapião notou contrariadíssimo que o precioso objecto era indigno de se chamar cronometro.

Irritado, dirigiu-se ao relojeiro e disse-lhe:

—Sr. Carlos Gomes: Se não reoçoasse ofendê-lo, chamar-lhe-ia um intrujão correcto e aumentado. Voltei aqui porque V. disse-me que o relógio era afiançado por um ano e com profundo pasmo notei, 24 horas depois, que este objecto possuía um ponteiro que marchava mais velozmente que o cavalo do Tangarinho. Ora, com um relógio marca Tangarinho, ganha você, que o vendeu, mas perco eu, que o comprei. Adquiriu-o convencido do seu bom funcionamento, quando afinal ele se adianta cinco minutos por dia.

Proferindo esta tirada teatral, Serapião deixou o relógio nas mãos do artista (?) e prometeu voltar seis dias depois.

E assim succedeu. O tal Carlos Gomes confessou que, após grande exame, notara que o relógio tinha bastante caspa no cabelo, dois dentes partidos e um cariado.

Serapião amaldiçoou os cronometros em geral, o seu em particular e os relojeiros em especial. Pagou o concerto após aquele dueto e, depois do artista ter afirmado que o relógio estava garantido por um ano, a contar daquele dia, saiu radiante e ali mesmo, na rua da Palma, depois de ter tomado um café, tomou o eléctrico para a Graça, a caminho de casa.

Logo que se apeou, a primeira coisa que fez foi ver no seu cronometro o tempo que tinha gasto no percurso, mas, ao meter a mão na algibeira do colete, empalideceu. O relógio fôra roubado!

Meteu-se noutro carro até á Baixa e, ao chegar novamente a rua da Palma, dirigiu-se ao relojeiro nestes termos:

—O sr. Gomes não é um intrujão correcto e aumentado! É um intrujão elevado ao cubico!! Afirmou que o meu relógio estava garantido por um ano e, vinte minutos depois, era-me roubado descaradamente!

Penalizado, o relojeiro, ao mesmo tempo que lamentava o succedido, aconsellhou-o a não pensar mais no caso e a utilizar-se todas as manhãs do relógio da estação do Rossio.

O infeliz rapaz voltou para casa e, na manhã seguinte, assim que chegou á Praça de D. Pedro, ao pretender consultar o relógio, não caiu das nuvens porque estava cá em baixo, mas teve a impressão que a estatua de D. Pedro lhe desabara em cima. Aquele também desaparecera!!

Como louco, dirigiu-se á policia e apresentou a queixa de que um mesmo gatuno roubara o seu relógio e o da estação.

E todas as noites, receando que algum gatuno o roube, vai vigiar o relógio do Cais do Sodré, para evitar que aqueles que por lá passam, em vez de dizerem Hora Legal, não o vonda, exclamem:

—Ora... gaita!!

## CARTA DA FIGUEIRA

# A última novidade

Meu caro Jorge:

Encontro-me, como sabos, na Figueira de Foz e o tempo, faltando-me para cumprir fielmente o fatigante programa da cura de repouso que me impuz, tambem não sobra para escrever-te. Esta carta, dada a escassez de tempo e a minha conhecida noção para a literatura, é, além de um desagradavel divertimento, um dever de amigo.

Um só motivo me leva a traçar estas linhas de estilo incerto, que tu, poeta e devoto da harmonia da palavra, vais com certeza ridicularizar. Deixá-lo... O essencial é que tu saibas que a tua amada, a mulher que povoa o teu cerebro de sonhos de belleza, se encontra tambem nesta Figueira, cada vez mais dourada pelo sol e o mais frequentada pelas espanholas irrequietas e tagarelas.

Quando a vejo, lembro-me sempre de ti, meu caro Jorge. O louro fulgor dos seus cabelos, a esbelteza do seu corpo, o misterio profundo dos seus olhos azues, a frescura da sua boca, a ligeirosa elegancia dos seus gestos, que te são tão gratos, evocam-me sempre o meu velho amigo, poeta e sonhador, que se aborrece lá em Lisboa, pelas mesmas polidas do Martinho.

Por toda a parte se ouve exclamar:

—Antonieta está deliciosa!

E está. Daria uma fortuna para vê-la. Está deliciosa. Tu conhece-la pallida, branca, de uma altura de luar. Agora está á moda, queimada pelo sol, como um fruto maduro que apetece morder. Talvez não gostes dela assim. Os teus ideais românticos estimá-la-hão, de preferencia, pallida como as heroínas daquella doentia literatura que fazia quedar os nossos avós de olhos em alvo e grenha no vento. Eu, porém, estou com a moda, que, neste caso, a saúde e a alegria.

Ontem, á noite, dansei com Antonieta no «Peninsular». Tenho, como não ignoras, pouca confiança com ela, não me permitindo, portanto, a indiscreção de falar-lhe de ti. Falei-lhe, entretanto, de poesia, de obras do espirito, de enlivos do alma, e ela, talvez mal disposta ou desconfidada, respondeu-me algumas banalidades que na sua boca linda iam tão bom, como no seu corpo o vestido bizarro que envergava.

Vai realizar-se aqui uma festa de beneficencia. Pouco te interessa a novidade. Mas se eu te disser que a presidente da «gentil comissão de senhoras» que a organiza é ela — a tua gentil Antonieta — ligarás ao maior attenção.

Por este pequeno nada, meu sonhador, que não dispensas attenção ás coisas mesquinhas da vida cotidiana, farás uma ideia do relevo que a tua amada alcançou. Ela mereceu-o, pela sua belleza, pela sua graça, pela sua sedução e até pela ruina da sua fortuna.

A proposito de ruina, deixa-me prevenir-te de que este pequeno mundo snob que admira Antonieta, que

a adula, solicita e lhe sorri—morde-lhe pelas costas e bôca pequena. Diz-se que sua mãe, com o seu sorriso bondoso, o seu ar de grande dama complacente, veio este ano á Figueira expressamente para impingir a filha a qualquer moço simpatico... e abastado. Maldicencia do mundo...

O facto incontestavel é o imperio de Antonieta. E' discutida nos cafés e nos centros de cavaço. As mais tolas imitam-na no andar, na voz e nos vestidos. As menos atrevidas invejam-na. Mas ela triunfa sempre, sempre.

Ah, antes que me esqueça: o João, o João Aguiar, do Sporting—tu não ligas importancia aos desportos, mas deves lembrar-te dele—aquele que te apresentei ha tempos, um alto, forte, de monoculo, que faz saltos, lança o disco e joga foot-ball, tambem joga a batota—como todo o rapaz que se preza. Pois o Aguiar... que ia eu a escrever? Espera, já me recordo novamente: o Aguiar perdeu vinte contos em quinze dias, ganhou oito em três, para voltar a perder catorze e a ganhar trinta. Ante-ontem esbofetou o Mendes, aquele baixo, atarracado, a quem faltam dois dentes da frente. Sabes porquê? Por causa da Antonieta.

O João pedira-lhe para dançar—e ela acedera. Mas, quando ia buscá-la, encontrou-a já espinoteando graciosamente um charleston com o Mendes. No sei se sabes que o João Aguiar não é para graças e, ali mesmo, na sala—záz, záz—estampou um par de bofetadas no Mendes. Houve o reboliço do costume nestas emergencias. Só visto! Apaziguados os animos, todos davam razão ao Aguiar e a tua Antonieta, tranquilamente sentada, sorria e discutia com um rapazinho de cabelo cre-po, amigo do Tavares Crespo, que todo se encrespava na defesa do Dempsey, que ella atacava impietosamente.

Repito: isto só visto, meu bom Jorge, porque contado perde metade da graça. Aparece por cá, homem! Não tens dinheiro? Então o teu ultimo poema nada rondou? Diabo, como queres tu casar com a tua Antonieta se nem uns miseros escudos possues para vires até á Figueira ver como ella se diverte?

Bem, amigo, são horas de suspender. Vou hoje jantar com o Aguiar, que já está ha dez minutos á minha espera. Não sei se me escapa alguma novidade interessante. Creio que não... Espera! Faze de conta que me viste dar uma grande palmada na testa, num gesto de quem se recorda de um facto primordial. Esquecia-me a grande novidade e só para dar-te lancei não da pena: a Antonieta vai casar com o Salazar, um brasileiro riquissimo que veio este ano, pela primeira vez, a Portugal.

Deseja-te alegria e bom appetite o que se subscreeve teu amigo fiel,

Ricardo.

Pela copia,

Mario Domingues.

## PROSA DE CHA VELHO

### Salamanca ás escuras

Não se trata da faufarronada do Cardeal Rufo do sr. dr. Julio Dantas, que, se não matou o sol lá nas alturas, foi para não deixar Salamanca ás escuras!

Este «Salamanca» é um «astro» que o nosso Segurado descobriu em Madrid, um astro de tão pouco brilho que deixou ás escuras a corrida de domingo ultimo.

Pobre «Salamanca»!

Que o rapaz é valente e não perde a coragem, por mais que os touros lh'a queiram tirar, e em Madrid, a julgar pela critica, esteve bem em duas corridas seguidas. Mas as corridas foram nocturnas, e de noite todos os gatos são pardos, além de que os arcos voltaicos substituem os «astros» mais ou menos solares.

A sua historia é a de muitos aspirantes a Belmonte, com desejos, automovel e conta corrente no Banco de Espanha, o que não quer dizer que o «Salamanca» não acabe por aprender com os touros a maneira de aproveitar a valentia de que dispõe, base indispensavel para uma profissão que é feita de valentia, valentia e valentia.

Mas, por ora, está verde e, claro, os triunfos que ambiciona... estão verdes.

E' frequente o caso de jovens espanhois que, não servindo para nada, não teem a unica serventia que aquelle pai dum inutil do «Currito de la Cruz» encontrava para o filho: fazê-lo deputado, isto porque, actualmente, vão mais os tempos para os deputados.

E dahi, o quererem ser toureiros. Esquecem, porém, um elemento indispensavel e que eles desejariam dispensavel: o touro.

Ora o touro é um ser intratavel e impossivel de convencer para a colaboração amavel no exito desejado. Eles sabem, ou adivinham, que para o «espada» viver teem eles que morrer. E dizem-lhe comsigo: —«Morrer por morrer, antes morra o «espada», que é mais velho!»

Isto é logico e verdadeiro, porque os «espadas» teem, pelo menos, quasi vinte anos, e os touros de lidia não atingem os cinco.

E os touros fazem o possivel por matar os «espadas», ao tempo a que os «espadas»-aspirantes fazem o impossivel por matar o touro. «Pensam» ainda os touros que, matando o «espada», é moros um que fica, ao passo que os espadas acabam por perder a cabeça, dizendo para os botões das ceroulas, que são os botões com quem se fala nessas alturas:

—«Que importa mais um touro a corral?»

E acontece o que domingo aconteceu ao segundo touro do «Salamanca»!

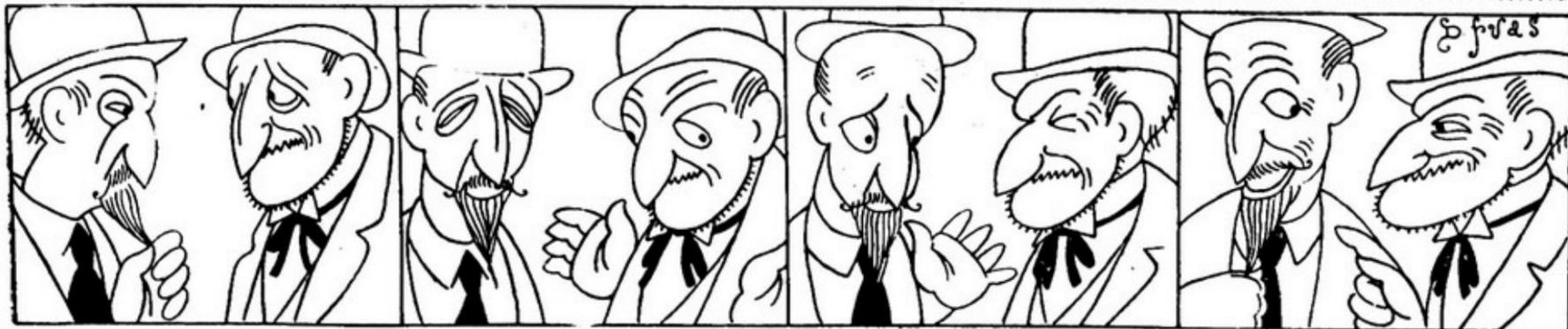
Simpatico «Salamanca», que nos deixastes ás escuras, não queiras ficar na estação onde estás e faz um esforço para chegares a Medina, que é o ramal por onde se volta a Madrid e se vai ás praças do Norte!

Perez la chaise.

### Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 - Rua de S. Paulo - 77



—Então já sabes que me casei?  
—É uma boa noticia que me das.  
—Não é lá muito boa porque minha mulher é uma fera.  
—Isso é que é mau...

—Não é muito mau, porque ella tem 500 contos.  
—Pelo menos é um consolo...  
—Empreguel esse dinheiro em ovelhas e morreram todas!...  
—Foi então uma desgraça!

—Não porque a venda das peles rendeu mais que o custo das ovelhas.  
—Estás por isso indemnizado!...  
—Como ardeu a casa onde guardava o dinheiro não estou.

—Podias ter principiado por me contar essa grande desgraça...  
—Não foi tão grande como supões porque minha mulher estava lá dentro e morreu queimada.  
—Isso é que é sorte!...



## A 70.000 METROS DE ALTURA A' ESPERA QUE A AMERICA PASSE...

Tristan Bernard, literato e desportista, nunca se embarça, seja qual for a pergunta que lhe façam.

Muito recentemente, perguntou um amigo:

—«Que pensas da proeza de Lindbergh?»

—«E' uma *performance* magnifica—respondeu o escritor—mas facil de imitar.»

—???

—«Sim... Muito facil! Basta subir verticalmente a 70.000 metros de altura. Como a esta altitude a atracção terrestre já se não faz sentir—a gente deixa-se ficar quieta, á espera que a America passe.»

«Quando se vir o Novo Continente, mesmo por baixo, desce-se com toda a simplicidade...»

\* \* \*

O *Sport de Lisboa* inaugurou no seu ultimo numero uma secção de *suetos* da autoria de Tavares da Silva. Logo na apresentação, o autor *saiu-se* com uma piada formidável—tão formidável que pode gabar-se de ter ganho com ela as esporas de ouro de *sultista*. Segue a transcriçào.

«Rafael Barradas, esplendido critico de *box* e alta competencia no assunto, informa-nos, verdadeiramente espantado e admirado, que o jornal de Barcelona *El Mundo Deportivo* se agradou tanto dum lindo artigo por ele publicado em *Os Sports* que o inseriu integralmente, comtendo a feia acção de não declarar a proveniencia.»

«Não se admire por tão pouco, amigo Barradas.»

«Varios jornalistas americanos tem colaborado sem saber num grande jornal desportivo de Lisboa, o V., que conhece o facto melhor do que eu, nunca se espantou... nem se admirou...»

Chama-se a isto: uma estocada aos copos! Mas tão bem jogada, que o Rafael deve ter sido o primeiro a rir-se.

\* \* \*

O meu amigo Guilhermino—automobilista *enragé*—a acreditar no que ele diz, tem escapado a milhares de perigos, e tem sido sempre a sua excepcional habilidade que o tem salvo das catastrophes—salvo por um cabelo...

Tem a historia da descida duma rampa, com os travões partidos e o motor *gripado*. Tem a historia da direcção que se partiu quando ia a cem á hora numa estrada da Beira. Tem a historia da formidável *derrapage*, consequencia, por sua vez, de uma tremenda travagem feita para evitar já me não lembro o quê...

Tem a historia de... do...

Mas ha uma historia que ele não conta nunca.

Uma noite, voltava da Ericeira, sózinho no carro, semi-sonolento, por ter jantado como um principe.

De repente, uma torva vaga caiu diante dele. Sentiu as rodas passar sobre uma coisa flacida: um corpol

Guilhermino pensou em parar. Mas, lembrou-se das complicações e, corbaramente, selvaticamente, acelerou quanto poude, sem se inquietar com o cadaver.

Passou uma noite horrivel. E, logo de manhã, procurou avidamente nos jornais a noticia do seu desastre. Nada! Esperou um dia mais—e nada!

Não poude resistir. Voltou á povoação junto da qual se tinha dado o acidente e começou a investigar.

—«Outro dia, um *chauffeur* atropelou um homem aqui muito proximo, na estrada...»

—«Não, senhor! Deve haver engano...»

—«Mas disseram-me... Parece até que foi na noite de ante-ontem...»

—«Com certeza que não! A estas horas já nós sabemos!»

Guilhermino foi pela estrada, até ao sitio do desastre.

Lá estava ainda, na valeta, um

atado de palha, vendo-se nitidamente que sobre ele haviam passado as rodas dum automovel...

\* \* \*

Falava-se ultimamente, numa roda em que havia literatos, desportistas e comerciantes, das qualidades da raça inglesa.

Alguem apresentou esta definição:

Um inglês—um *businessman*;

Dois ingleses—um *match* de *box*;

Muitos ingleses—um grande desafio de *foot-ball*.

\* \* \*

Um leitor do *Fixe*, que confessa nunca ter ido ao *foot-ball*, pergunta-nos o que é um juiz de campo.

O juiz de campo é um animal que se encontra nos campos de *foot-ball*, nas fotografias das *equipes* e nos banquetes que costumam realizar-se depois dos desafios.

Segundo os melhores tratados de psiquiatria, trata-se dum maniaco que toma o titulo perigoso de *arbitro*



—Estou em cuidados por causa do meu marido. Calcula tu que foi para o Campo Pequeno...

e que faz de policia dentro do terreno de jogo.

O seu divertimento prodilecto é o de apitar constantemente, o que lhe vale o mais profundo desprezo de todo o jogador consciente do seu valer...

Algumas vezes, o publico alia-se aos jogadores para pronunciar o anátema. E' de esperar que, daqui a alguns anos, os jogadores se resolvam a massacrar o abjecto individuo...

\* \* \*

Segundo uma cantiga em voga, o *bozeur* português José Santa (*Camarão*), actualmente no Brasil, tem os pés *alombazados*...

Calça 49 1/2, bico largo!

Um poeta brasileiro dedicou-lhe o poema seguinte:

Isso não são pés, são duas pontes.  
Medi-los é tarefa sobre-humana.  
Pés fenomenais, pés brutamontes;  
maiores do que a terra luzitana.

Se te conhecesse o bom Moisés,  
quando atravessou o Mar Vermelho,  
emprestados pediria esses dois pés,  
senão de Deus precisas sábio conselho.

Se o Vasco quando a India toi buscar,  
de teus pés conhecesse o comprimento,  
de lado deixaria a nau vulgar,  
para neles viajar mais a contento.

Já o vapor, ao ver teus pés gigantes,  
numilhado ficou—e com tristeza—  
protestou contra a propria natureza  
por dar tão grandes pés, tão irritantes...

E ao vê-vos—humilhado—  
o Pão de Assucar escondeu-se  
atrás da Urea... que tremia...  
E o Corcovado  
ficou tão encalstado,  
vendo tão grande extensão,  
que solene cortezia  
vos fez, do chapéu na mão.

A Guanabara—á baía—  
sofreu tanta comoção  
que a toda a gente dizia:  
—Onde vou pôr, afinal,  
os dois pés deste animal?

Finalmente estais em terra  
e já todo o mundo diz,  
e a todo o canto se berra,  
que a grandeza do país,  
sendo embora sacrosanta,  
aguenta os pés do Santa.

Eu vos saúdo, plantas gigantescas!  
Grandiloquas, formidaveis, colossais...  
Solenissimas patas quixotescas,  
a quem todos rendem madrigais!

... ..  
E o Brasil, onde tudo é estupondo,  
já tem um par de patas que é tremendo!

**Rebola-A-Bola.**

# Amor no Parque das Laranjeiras S. Francisco, patrono da Policia



—Arranje-me essas mãos nas pontas das unhas, minha menina, que hoje tenho uma entrevista d'amor e tenho que me apresentar com a mais requintada elegância...



— Com este tesouro, acabam-se os touros de morte e os carnavais á paisana.

— O pior é se no fim disto tudo estão as armas de S. Francisco.

## CANS E CÃES



— Dizes tu que o meu cão é muito grande?!... O que dirias tu se visses um que a minha modista tem...



— Que doença teve você na cabeça que está branca e careca?

— Qual doença! Não vê que é o penteado da moda...